

# Imagens à procura de um espectador. De Lisboa a Veneza

**Artes Plásticas.** João Louro vai representar Portugal na 56.ª Bienal de Veneza. O DN falou com o artista sobre obra que levar à mostra

MARIANA PEREIRA

"Eu tenho a história de ser miúdo, estar deitado no chão numa relva a olhar para o céu, ver o céu azul cristalino, ver um avião a passar, só o rasto do branco a passar lá em cima, muito longe, e de dizer 'um dia vou dentro daquele avião, um dia vou dentro daquele avião'. E, depois, um dia fui dentro daquele avião." *João Louro no seu ateliê em Lisboa, cidade onde nasceu em 1963, mas já no trânsito de quem vai partir.*

São cerca de 500 m<sup>2</sup> em Campo de Ourique, que antes pertenciam à Papelaria Fernandes. Agora estão repletos de obras do artista, de estandartes de trabalho e de quadros com as plantas do veneziano Palácio Loredan – hoje sede do Instituto Veneziano de Ciências, Letras e Artes –, onde Louro exporá as suas obras na 56.ª Bienal de Veneza 2015. *All The World's Futures* é o tema da mostra internacional que ocorre de 9 de maio a 22 de novembro.

O que leva um artista consigo para a cidade de São Marcos? "Basicamente o artista é uma espécie de um filtro que faz uma espécie de triagem dos acontecimentos. Aquilo a que se chama o *Zeitgeist* é o sinal dos tempos. O que acontece é que os artistas – por algum motivo que levaria muito tempo a explicar nesta circunstância – envolvem-se, há temas que são os deles. São os temas que por algum motivo eles vêm a explorar ao longo de uma vida e são os temas que são depois plasmados em obra. A meu ver não há nada que faça alterar isso, não é por causa de uma exposição aqui ou ali que o artista vai mudar a sua capacidade de analisar o mundo."

Leva, portanto, o que é dele. E João Louro, particularmente? "O cinema, a literatura, tudo isso são temas que continuo sempre a abordar e que são fontes de perguntas. No caso, por exemplo, da li-

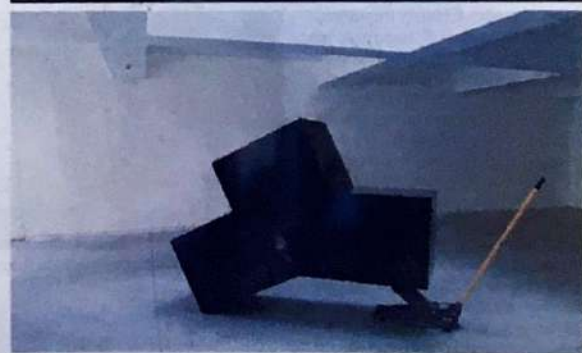
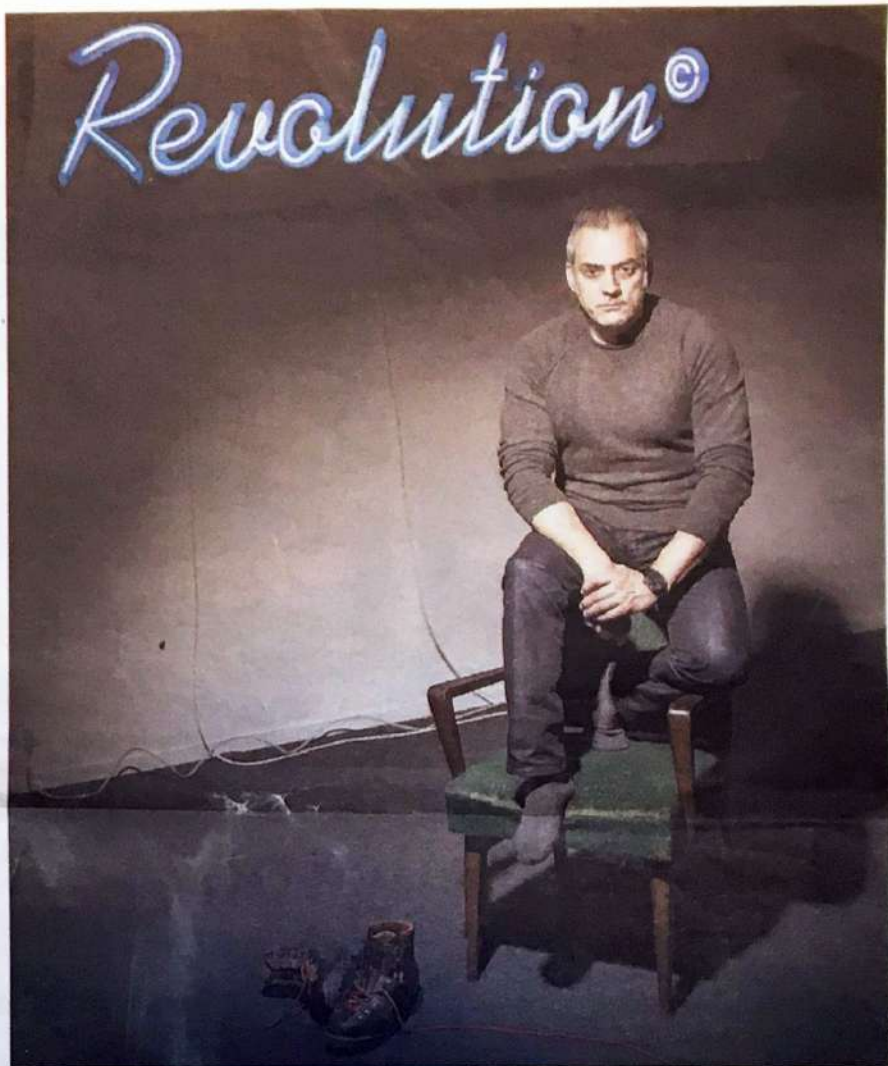
teratura, o que estou a fazer é falar sobre a impossibilidade. Nós temos as capas dos livros [pinturas a grande escala recorrentes na sua obra], mas não temos o conteúdo. O mesmo se passa quando faço as *Blind Images*. Não são fotografias, é a impossibilidade de ver o que lá está. Essa obstrução, essa negação, faz que se abra uma porta, que é a porta da invisibilidade, as coisas estão lá latentes, mas não estão lá."

Talvez Brigitte Bardot, que aqui evoca o cinema, outro elemento constante na sua obra, ajude quem não conhece as suas *Blind Images* a entendê-las. "Quando falo de Brigitte Bardot não interessa mostrar qual é a minha Brigitte Bardot, interessa é saber qual é a Brigitte Bardot do espectador e fazer um apelo ao acervo de imagens do espectador." Há legenda, não há imagem. Ou, se há, é a que o espectador ali projeta.

"Quando morrer, reformo-me", diz, com uma gargalhada, João Louro entre as paredes que a sua arte ali partilha com um pequeno ginásio de boxe, onde dá aulas, e que o seu cão vai percorrendo com o rádio sintonizado na Antena 2. Defende que "a arte é a atividade em que a maior liberdade existe", e liberdade foi o que sempre procurou, apesar de conceder que não existe na vida tal coisa como liberdade absoluta.

E isso faz do lugar do artista uma posição solitária? "Não. É a mesma coisa que um comandante no meio do mar, ele não se sente sozinho. Tem uma paixão pelo mar de tal maneira grande, ele gosta é de ver as vagas, olhar para ali, aquilo para ele é maravilhoso. Essa solidão de que fala é uma solidão amistosa." Na aventura de Veneza essa solidão é partilhada com a curadora Maria de Corral, ex-diretora do Museu Reina Sofia, em Madrid.

*I Will Be Your Mirror – Poems & Problems* é o título da exposição. É "sobre o invisível". Começa com



O artista João Louro no seu ateliê, em Lisboa, cidade onde nasceu em 1963 e continua a viver. Em baixo, a sua obra *Podium* (2005).

*trato do Artista quando Jovem*, de James Joyce e, em clara relação, o *Retrato do Artista Quando Jovem* Cão, de Dylan Thomas.

Perante as plantas do Palácio Loredan e de pequenas amostras de cor coladas ao quadro, recorda: "Paulo Herkenhoff [diretor do MAR-Museu de Arte do Rio, que vai escrever o texto principal da exposição] por acaso dizia uma coisa gira, porque eu dizia: 'Ó, Paulo, isto [as *Blind Images*] para mim é um espelho.' E ele dizia-me: 'Não, João, isto não é um espelho, isto é um vórtice que engole tudo o que está lá dentro.' O espelho reflete mas também engole tudo. Vai para um sítio, engole o sítio, vai para outro sítio, engole o outro sítio."

As suas *Blind Images* vão à procura de espectador para Veneza. Dos olhos que lhe deem imagem. Das salas que lhes deem reflexos.

uma fotografia de Louro à espera do pensador alemão Walter Benjamin no aeroporto. Imagem que recupera trabalhos similares seus em que, entre as pessoas que aguardam os seus no aeroporto, ele espera por quem não está vivo.

Depois, conta ao DN, "há uma grande obra sobre todas as fotografias de [Maurice] Blanchot. Recolheu as fotografias e fez delas *Blind Images*. "Ou seja, a imagem não está lá, está apenas a legenda."

Uma outra imagem sem imagem, se assim se pode dizer, será "uma fotografia que apareceu em 2010, que é a única fotografia que se conhece do [poeta Arthur] Rimbaud adulto claramente visível. Ele está num alpendre com muitas pessoas". Na exposição da bienal estará também "uma série de capas de livros" pintadas. Diz estar a estudar, mas talvez dessa série façam parte o último livro que Samuel Beckett escreveu, *Stirrings Still*, *Re-*